

O LÚDICO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

João Batista Freire

Resumo

A Educação Física, criada para ajudar a conter a ruptura da ordem estabelecida pelos Estados europeus, repudiava o lúdico. Suas práticas eram extremamente rígidas, disciplinadas. Essa situação persistiu, no Brasil, até a década de 1970, quando surgiram os primeiros sinais de introdução das atividades lúdicas nas aulas de Educação Física de forma sistemática. Coincidiu essa chegada do lúdico na Educação Física com o final da ditadura e com o surgimento de autores que, na prática e na teoria, confrontaram a ideia de Educação Física como prática educacional de hábitos de disciplina e saúde e passaram a conceituá-la como prática e teoria de formação para a vida, tendo como sinal maior de identidade a motricidade. Dezenas de livros foram publicados sobre o assunto nas décadas de 1980 e 1990, pesquisas foram realizadas e publicadas e uma outra metodologia, centrada nas relações entre o aluno e seu entorno na escola, foi estabelecida.

A criação da Educação Física

A Educação Física foi criada como suporte para os Estados europeus manterem a ordem nas cidades. Durante a Revolução Industrial, parte da população rural migrou para as cidades, criando graves problemas à ordem estabelecida pelos governantes. O fluxo de pessoas atraídas pelos empregos nas fábricas criava conflitos. Elas passaram a receber pagamentos, embora miseráveis, por seu trabalho e, nas horas de folga, queriam lazer, queriam se divertir, viviam o lúdico ao modo delas e, limitadas às circunstâncias da época, bebiam, faziam festas, sexo, promiscuidade. O Estado não estava preparado para dar conta desses problemas. Entre outras providências, tomou medidas no campo educacional objetivando formar cidadãos disciplinados para a ordem que o Estado necessitava. Foi, portanto, nesse período, mais especificamente em meados do século XIX, que foi criada a Educação Física como disciplina escolar, uma medida, entre outras, de higienização moral e social da sociedade nas cidades europeias de então. E essa disciplina foi criada exatamente na época em que o lúdico causava transtornos.

O lúdico como problema

O lúdico nunca foi bem-vindo nas instituições, porque escapa ao controle delas. Lembrem-se que os conteúdos iniciais da Educação Física foram ginásticas muito rígidas, semelhantes às usadas na Alemanha nazista para disciplinar os jovens integrantes dos exércitos de fanáticos comandados pelos oficiais de Hitler. Esse tipo de ginástica, extremamente dura e disciplinadora da motricidade, era o conteúdo básico da Educação Física em seus primórdios, e isso predominou por décadas, inclusive, no Brasil. Tudo o que os sistemas educacionais daquela época não queriam era o lúdico. A escola, de maneira geral, já repudiava o lúdico em sala de aula. Para a educação tradicional, aprendizagem e brincadeiras são incompatíveis. A disciplina rígida sempre balizou o método escolar. Aprender é coisa “séria”! Crianças, para aprender, de acordo com essa tradição, precisam ficar trancadas em sala e imobilizadas em carteiras, sem rir, sem chorar, sem brincar... e sem se comunicar com os outros. A pedagogia tradicional instituiu que o conhecimento é algo a ser transmitido para os alunos, individualmente. Alunos que devem ser vigiados permanentemente para não transgredir as regras disciplinares. Porém, a Educação Física criou um novo componente: em vez de cercear os movimentos, como fazia a sala de aula, ela disciplinava o aluno em movimento. A Educação Física descobriu a eficácia de disciplinar os próprios movimentos. E, assim como a sala de aula praticava uma pedagogia individualista, também a Educação Física dirigia-se ao indivíduo e não ao grupo. Porém, uma vez que as práticas buscavam conseguir que todos os alunos repetissem os movimentos hiperdisciplinados exatamente da mesma maneira, o resultado era a anulação da individualidade e a criação de um coletivo cego, absolutamente obediente aos comandos. Claro que nessa concepção educacional o lúdico teria que ser evitado, e até combatido. Nada podia escapar ao controle.

As falhas no controle

Por lidar com as pessoas em movimentos de deslocamentos, a Educação Física ocupou espaços diferentes das outras disciplinas da escola. A arquitetura é outra, os espaços são abertos. Estar em espaços abertos, portanto, muito diferentes daqueles ocupados pelas demais disciplinas, não causou preocupações ao sistema educacional. Sua rede de conteúdos era tão ou mais disciplinadora que a rede de conteúdos de sala. A Educação Física confiava que seus objetivos de inculcar hábitos de saúde e de disciplina física e moral seriam amplamente

garantidos por seus conteúdos e método. Além disso, estabeleceu-se uma distinção radical entre a Educação Física e as demais disciplinas: enquanto a sala de aula se ocupava de educar as pessoas, a Educação Física se ocuparia de educar o corpo dessas pessoas. O corpo da pessoa e a pessoa eram entidades distintas para a ideologia que orientava os sistemas educacionais. Essa era a filosofia que definia os conceitos sobre o ser humano na época em que a Educação Física foi criada, filosofia que persiste hegemônica até os dias de hoje. Segundo essa concepção, somos uma entidade incorpórea que habita uma estrutura material perecível, mortal. A entidade espiritual que somos, de acordo com essa tradição filosófica, tem destino misterioso, apesar das crenças religiosas, mas, certamente, não se destina à morte que acomete o corpo. A educação, portanto, passou a ser nitidamente separada em duas partes distintas: em sala a educação para as pessoas; fora da sala, a disciplinação do corpo dessas pessoas. Lembro que quando eu era menino e frequentava a escola, raramente havia atividades lúdicas em minhas aulas de Educação Física.

Como o lúdico chegou à Educação Física

Vamos falar de Brasil. Eu não poderia dizer o que direi a seguir, de outros lugares que não nosso país, por desconhecer o que se passou neles, embora uma pesquisa pudesse esclarecer isso. Mas não é o caso deste breve ensaio.

Na escola, o esporte chegou antes de outras atividades lúdicas, e sou testemunha disso em minhas próprias aulas de Educação Física, quando ainda frequentava o ginásio, período escolar que correspondia ao que se chamamos hoje de segunda parte do Ensino Fundamental. Era ensinado de maneira rígida, tecnicamente, à semelhança da metodologia empregada quando se tratava de ginástica. Porém, o Brasil é um país de riquíssima cultura lúdica. Entre nós, somos lúdicos em muitas ocasiões. Porém, essa cultura lúdica demorou para chegar às aulas de Educação Física. Com alguma frequência isso começou a ocorrer na década de 1970. Alguns professores e professoras começaram a fazer das brincadeiras de nossa cultura conteúdo habitual de suas aulas. O próprio futebol era muito lúdico em nossa cultura. Era jogado pela população como diversão, dele derivando inúmeros outros jogos.

No começo dos anos 1980 a presença do lúdico nas aulas de Educação Física era uma realidade, algo muito visível. Porém, as brincadeiras feitas em aula pouco diferiam daquelas feitas na cultura popular. Não era matéria de ensino, eram atividades de diversão, tal qual se fazia fora da escola. Com ou sem professores as brincadeiras ocorreriam do mesmo jeito. A diferença é que o lúdico encontrou um novo espaço para se manifestar, espaço que, durante

muito tempo foi proibido nas aulas de Educação Física e que continua proibido em boa parte do tempo ocupado pelas disciplinas de sala de aula.

O lúdico e o método

A pergunta que devemos fazer na disciplina Educação Física é: com professores, as brincadeiras seriam feitas da mesma maneira que sem a sua presença? Se a resposta for sim, não é necessário haver professores, as crianças podem brincar sozinhas. Nesse primeiro momento de entrada do lúdico na Educação Física, não havia um compromisso pedagógico. O primeiro momento do lúdico na Educação Física é essa entrada das brincadeiras e dos esportes descompromissada com uma educação além da quadra. Não tínhamos ainda o entendimento do alcance educacional do lúdico como algo muito maior do que apenas brincar, apenas repetir o que se faz na rua ou em casa, apenas repetir o que se faz no grupo infantil ou no grupo adolescente. A partir dos anos 1980 começaram a aparecer alguns trabalhos mostrando que a escola tem o papel de ensinar, de dar aulas, e aula é aquele momento em que uma pessoa, sobre determinado tema, entra sabendo um tanto e sai sabendo um tanto a mais. Era comum nas faculdades a disciplina Recreação, porque pensávamos o lúdico na escola somente como um momento de se divertir, de brincar por brincar, e não de brincar e aprender a própria brincadeira, e algo além dela.

Agora eu quero descrever um exemplo de um jogo em que a atuação do professor define a diferença entre fazer a brincadeira dentro de um programa pedagógico, para ensinar além da brincadeira. Trata-se de uma brincadeira tradicional, o pega-pega, realizada com alunos do sexto ano do Ensino Fundamental. Primeiro aquele professor que não tem ideia do potencial educacional do jogo. Fazemos de conta que sou eu o professor. Chamo meus alunos e pergunto para eles, Do que que vocês gostariam de brincar? Tenho algumas sugestões. Quem quer brincar de pega-pega? Os alunos imediatamente dizem que querem. Eu pergunto quem quer ser o pegador, e um deles se apresenta. A brincadeira começa, eles se divertem muito, brincam do jeito deles, fazem o pega-ajuda, brincam por uns trinta minutos, até que se aproxima o final da aula. Eu os chamo, eles estão suados, cansados e felizes. Eu digo que podem ir embora, a aula terminou. “Sem professor a brincadeira também teria acontecido”. Para fazer o que fizeram não precisam de escola, embora a escola tenha sido, para eles, um bom espaço de brincadeiras. Não posso dizer o que aprenderam na aula. A brincadeira de pega-pega deve ensinar muita coisa, mas não consta do meu programa saber o que ela ensina. Se me perguntarem direi coisas vagas,

como afirmar que os alunos aprenderam a correr, melhoraram a coordenação motora, aprenderam a respeitar o outro etc.

Agora um outro exemplo. Façamos de conta que sou o professor de uma turma semelhante, mas com outra postura. Inicialmente chamo os alunos, sento-me com eles em uma roda e inicio uma conversa sobre como será a aula. Eu digo, Trouxe duas brincadeiras para vocês escolherem, uma de pega-pega e outra de pular corda. Qual delas vocês preferem? “Sem professor isso não aconteceria”. Uma parte dos alunos prefere pega-pega outra prefere pular corda. Então eu pergunto para um aluno, Porque você prefere pega-pega?, ele defende a sua ideia, e, logo em seguida, pergunto a outro, Porque você prefere o pular corda? Continuo a fazer perguntas para mais alguns alunos. “Sem professor isso não aconteceria”. Reparem que, nesse momento, os alunos estão falando de uma prática que ainda não aconteceu, que só está acontecendo na imaginação deles. A roda de conversa está alimentando a imaginação deles, está levando a prática para o plano da reflexão, provocando alguma consciência sobre a prática que ainda nem aconteceu. “Sem professor isso não aconteceria”. Como não chegaram a um acordo sobre que brincadeira escolher, sugeri uma votação. Nela, venceu o pega-pega. Então eu disse, Está bem, hoje vamos brincar de pega-pega, mas na próxima aula a gente vai brincar de pular corda. A ideia é contemplar a vontade do grupo que perdeu a votação. Aí fomos para a prática e eu sugeri que, primeiro, brincassem do jeito que eles sabiam brincar o pega-pega. Eles disseram que, quem fosse pego, viraria pegador. Fiquei só observando o modo como se comportavam, anotei algumas coisas e depois parei a brincadeira e disse que tinha um outro jeito de brincar de pega-pega. Expliquei que era um pega-ajuda chamado corrente e eles gostaram da ideia. “Sem professor isso não aconteceria”. Em seguida contei como era realizada a brincadeira, O primeiro a ser pego deve dar a mão ao pegador, prosseguirão em dupla, o próximo a ser pego também dá a mão e assim por diante até todos serem pegos. Porém, só podem pegar os pegadores que estiverem nas pontas da corrente. Foi quando perguntei quem queria começar como pegador, e logo um garoto se ofereceu. Perguntei por que ele queria ser pegador e ele disse que era o mais rápido e pegaria todo mundo. Está bem, eu disse, vamos começar. Ele saiu correndo e logo pegou o fugitivo mais lento, que lhe deu a mão. Nesse momento ele também se tornou o mais lento, pois não podia soltar a mão do colega. Continuaram e só pegaram três ou quatro mais lentos e já não conseguiam pegar mais ninguém. Aí eu parei a brincadeira e disse, Vou dar alguns minutos para vocês, os pegadores, acharem um jeito de pegar melhor. “Sem professor isso não aconteceria”. Os pegadores se reuniram num canto da quadra e quando passei eles estavam fazendo uns riscos no chão. Perguntei o que era

e me disseram que era um plano chamado Alfa. “Sem professor isso não aconteceria”. Disseram que era um plano para pegar todo mundo. Na verdade, eles estavam refletindo sobre as ações realizadas na brincadeira, tomando consciência do que fizeram, consciência do espaço, consciência do trabalho em equipe, pensando em estratégias e assim por diante. Tudo feito coletivamente. Essas aquisições riquíssimas advindas da reflexão não ocorreriam sem escola, sem professores, sem uma metodologia que oriente para isso. Então sugeri voltarem para a brincadeira. Voltaram e pegaram todo mundo. O plano deu certo. Aí fizemos a roda final de conversa e falamos sobre a aula, fiz várias perguntas. Nessa roda novamente eu trouxe para o plano da reflexão o que fizeram na prática. A brincadeira de pega-pega terminou, mas aquilo que veio à consciência nunca mais terminará, virou matéria prima para outras situações que solicitem conhecimentos produzidos nessas tomadas de consciência da ação. Nada que se possa esperar que ocorra a curto prazo. Sequer podemos prever quando e em que situações esses conhecimentos se aplicarão. Só podemos confiar que servirão para a vida fora do pega-pega, fora da escola.

Esse exemplo mostra a diferença entre brincar com responsabilidade pedagógica, com objetivos pedagógicos e brincar sem esses objetivos. Sem escola nada aconteceria além das aprendizagens práticas dirigidas à própria brincadeira, ou, talvez, outros conhecimentos, mas sobre os quais jamais saberemos.

Na aula seguinte começamos com a roda de conversa e eu disse que faríamos brincadeiras de pular corda, para contemplar o grupo que queria essa brincadeira. Perguntei quem já conhecia essa brincadeira, vários comentaram. “Sem professor isso não aconteceria”. Então eu disse que todos iriam aprender e todos conseguiriam pular corda. Pedi que fossem para a quadra e brincassem do jeito que pudessem. Fiquei observando quem sabia mais, quem sabia menos, registrei as dificuldades e facilidades e logo notei os que precisavam de ajuda. Aí fui para junto deles e eu mesmo fui bater corda. Para aqueles que pouco sabiam eu facilitei alterando o movimento da corda, ora acelerando, ora desacelerando, de modo que todos pudessem pular. “Sem professor isso não aconteceria”. O professor está lá para ajudar, para conseguir que todos consigam. Nesse caso, conseguir pular a corda aumenta a autoestima e isso é fundamental para o progresso dos alunos. Eles precisam acreditar que são capazes. Não estou lá para punir, mas para ajudar. Se for preciso, dou a mão para ajudar quem menos sabe, ou coloco a que sabe mais para fazer junto com o que sabe menos. Não estão aprendendo só a pular corda, estão aprendendo a construir coletivamente, estão aprendendo solidariedade, cooperação.

Em seguida lancei um desafio. Eu disse, Agora que todos já sabem pular corda, vamos fazer assim. O primeiro entra, pula uma vez e sai, o próximo aguarda uma batida de corda, em seguida entra, pula uma vez e sai, o próximo faz a mesma coisa e assim por diante. Vamos ensaiar. Durante algum tempo ficaram tentando. Quando percebi que conseguiam fazer aquilo razoavelmente coloquei outro desafio. Agora vocês vão tentar fazer uma sequência de vinte passagens sem cometer erros, sempre entrando um de vocês, pulando uma vez, o próximo aguardando uma batida e entrando em seguida. “Sem professor esses desafios não ocorreriam”. Na primeira tentativa falharam, na próxima se saíram melhor. Erraram muitas vezes. Então dei-lhes alguns minutos para conversarem entre eles e acharem um jeito de brincar melhor. Quando voltaram da conversa estavam mais organizados e começaram a errar menos. Até que conseguiram fazer a sequência completa. Fizem uma festa. Deixei que errassem, que se confundissem, que entrassem em conflito, de propósito. Eu queria que tivessem dúvidas. A cada tentativa essas dúvidas geravam tomadas de consciência. E, na hora da conversa, essas tomadas de consciência certamente foram mais frequentes. Voltaram melhores, pois a consciência sobre a ação tem o poder de corrigir elementos da ação prática. “Sem professor isso não aconteceria”. No final da aula fizemos a roda de conversa e levamos todos os acontecimentos novamente para o plano da reflexão.

Uma metodologia transdisciplinar

Esses exemplos mostram a enorme diferença entre fazer a brincadeira sem orientação pedagógica e fazer a brincadeira com orientação pedagógica. Não qualquer pedagogia, mas uma pedagogia definida por uma metodologia transdisciplinar, isto é, um método que pretende que os alunos, aprendendo determinadas práticas, possam adquirir conhecimentos que possam ir além dessas práticas e atravessar outras áreas de conhecimento.

As brincadeiras de rua são maravilhosas. A gente vê as crianças brincando nas ruas, nos pátios, na hora do recreio da escola, nas salas de suas casas, nos parques, e com isso aprendem muito. Mas a gente não sabe se o que aprendem será aplicado em outras situações de vida. Porém, se levarmos os mesmos conteúdos para a escola e incluí-los em uma pedagogia que tenha orientação para potencializar esses conhecimentos, que tenha compromisso com a conscientização das práticas, poderemos confiar que os conhecimentos das brincadeiras não se esgotam nela. Nos exemplos dados, fiz um plano para ensinar, não só as brincadeiras, mas também noções de cooperação, de construção coletiva, e os alunos se saíram muito bem. A

brincadeira terminou, mas os conhecimentos de cooperar, de construir coletivamente, de se solidarizar, persistem, porque foram à consciência. Trata-se de conhecimentos que, além de serem utilizados nas brincadeiras de pega-pega e pular corda, foram potencializados pela consciência e podem ser aplicados na vida. Não se trata de dar matéria para cair na prova, mas de dar matéria para cair na vida. Esse é o empenho de uma metodologia transdisciplinar. Ensinar matérias que só podem ser consumidas dentro do próprio sistema educacional é autofágico.

A revolução do lúdico

Se o sistema educacional levasse em consideração o potencial do lúdico como promotor do desenvolvimento humano, certamente teríamos uma espécie de revolução do lúdico. Não só para que as pessoas usufruam de aulas mais atraentes, mas porque o lúdico tem potencial para motivar os alunos para enfrentar os desafios propostos nas disciplinas. Nossos alunos precisam aprender a pensar melhor. Não se trata, portanto, de apenas ensinar as técnicas de como fazer cálculos, mas de levá-los a desenvolver melhor o pensamento através de cálculos. Porém, quando a escola fixa seu alvo apenas em ensinar tais técnicas, porque estão no programa e cairão nas provas, não há por que o aluno pensar além do simples memorizar essas técnicas. Quando eu era aluno do antigo ginásio, faltou uma professora que me contasse sobre o significado da palavra equação. Pelo menos isso, para que as temíveis equações ganhassem algum sentido em minha vida. As letras e números para um lado ou para outro eram colocadas de forma mecânica, apenas porque eu tinha que obedecer cegamente a regras. No dia da prova eu repetia as técnicas e ganhava uma nota, boa ou ruim, dependendo de minha memória. A mesma coisa aconteceu no Geografia, na História e no Português, aquelas regras não entravam na minha cabeça, e o que acontecia comigo acontecia com a maioria. O resultado é termos uma população adulta que, de maneira geral, não gosta de ler, não sabe escrever, não sabe matemática, muito menos química ou física. E uma boa parte dessa população passou doze anos no ensino básico, ou 9600 horas, o que daria tempo de aprender tudo isso. Pode-se dizer o que quiser dos alunos, atribuindo-se a eles a culpa pela não aprendizagem, mas há um fato inegável: o sistema educacional não conseguiu ensinar a essa população, e o prejuízo é enorme. A escola teria que perder o medo do lúdico, mas para isso ela tem que romper com sua arquitetura de salas e carteiras alinhadas, alunos enfileirados, ambientes sufocantes. Por qual motivo a arquitetura para ensinar tem que ser essa? A escola teria que aprender a tratar a criança como criança, e o adolescente como adolescente, desafio que ela nunca enfrentou. A criança é tratada como se

fosse uma maquete de adulto. Não é justo que uma criança que aprende com tanta facilidade suas brincadeiras não aprenda a matéria da escola. As crianças prestam atenção nas brincadeiras e não prestam atenção nas aulas da escola. Elas se encantam com as brincadeiras e não se encantam com as aulas. No ambiente da brincadeira a criança está em casa. A sala de aula, com seu ambiente prisional, não é ambiente de criança ou de adolescente. Nunca ninguém aprendeu algo em que não tenha prestado atenção.

O lúdico encanta e, por isso, faz a criança prestar atenção ao que está ali para ela aprender. A Educação Física elegeu o lúdico como seu conteúdo preferencial. Talvez não saiba ainda o que fazer com ele, porque, muito do que se vê nas aulas de Educação Física ainda é um brincar por brincar, um repetir o que se faz na rua, no quintal da casa, na sala de casa, no pátio de recreio. Mas a Educação Física não é ambientada de acordo com a arquitetura das outras disciplinas. Isso pode ser revolucionário. Quando a Educação Física aprender a revelar na brincadeira seu potencial educacional, ela terá algo a ensinar à sala de aula. Para isso ela tem que, além de incluir o lúdico e realizar as brincadeiras em suas aulas, não transgredir os fundamentos desse lúdico, garantindo que as crianças se sintam realmente brincando, e, além disso, orientar as aulas de modo que os conhecimentos transcendam esses conteúdos. Brincando de pular corda é possível produzir conceitos de espaço, de tempo, de ordem, de classe. Brincando de pega-pega é possível ensinar a lidar melhor com as emoções. Brincando de mãe da rua é possível ensinar uma moral de autonomia. Brincando de queimada é possível ensinar a cooperar. Esses conhecimentos podem ser formados quando a metodologia que orienta as aulas levar os alunos a refletirem sobre as práticas, a verbalizá-las, a pensar nelas, a ter consciência. Uma metodologia, portanto, transdisciplinar.